

APRESENTAÇÃO

O advento dos estudos culturais, por volta dos anos 1960, demonstrou no campo dos estudos literários como se encontrava o estado da arte, algo sintomático daquilo que Jameson em seu ensaio “Sobre os estudos de cultura” (1994) já apontava como resultado da insatisfação das teorias das humanidades com os limites das suas disciplinas. De modo conexo, Marjorie Perloff, no capítulo de abertura de *Differentials: Poetry, Poetics, Pedagogy* (2004), reflete sobre os motivos da atual crise dos estudos literários a reboque de um pretensão colapso do campo humanístico na contemporaneidade. Por outro viés, diante de tais problemáticas, o crítico e professor da Unicamp, Fábio A. Durão, em ensaio publicado recentemente na revista *Sibila* (2016), aborda a questão a partir de dentro, isto é, com vistas a entender a relação entre a produção crítico-literária desenvolvida na esfera acadêmica da universidade e a realidade para além de seus muros, e a certa altura conclui “[...] que leitura e a interpretação solitárias são patológicas.” O fato é que as teorias se deslocam, são migrantes por antonomásia, e entre movimentos centrípetos e centrífugos acabam por constituir cadeias complexas (e instigantes) de vasos comunicantes.

Tendo em vista o exposto, o presente número se abriu para contribuições que colocaram em discussão a pertinência das fronteiras visíveis e invisíveis que separam a teoria literária dos demais campos dos saberes. A seção temática contou com oito artigos que, de diferentes perspectivas, refletiram sobre as muitas vezes porosas fronteiras entre a produção de ficção e teoria crítica, e as não menos conflituosas relações dos estudos literários com as demais linguagens com as quais estes se limitam, colocando em foco a compreensão do que seja a literatura como objeto estético.

O artigo que abre a Seção Temática, de autoria dos pesquisadores Antonio Sergio Pontes Aguiar e Ruben Maciel Franklin, vem com fôlego ao encontro do dossiê proposto pela revista, na medida em que explora, a partir de pensadores fundamentais, o conceito de contemporaneidade e a produção artística vinculada a este. O ensaio de Maria da Glória Bordini, por sua vez, versa sobre a importância da leitura e o espaço que esta ocupa no

mundo globalizado, em que os multimeios eletrônicos têm redesenhado o mapa cultural. Consequentemente, o texto propõe-nos uma reflexão sobre o papel que cabe à literatura na formação dessa sociedade ressignificada pela cultura de massa. O artigo de Marcos Hidemi de Lima contribui com uma leitura do universo da canção, focalizando três sambas de Noel Rosa e parceiros, nos quais analisa, na esteira do pensamento de Antonio Candido, as relações a um só tempo sociais e poéticas presentes nas letras. Já Daniel Pulcherio Fensterseifer e Luana Teixeira Porto enfatizam a correlação entre literatura e direitos humanos por meio de uma leitura perscrutadora e comparativista entre dois contos de Marçal Aquino, “Jogos iniciais” e “No bar do Alziro” e um conto de Conceição Evaristo, “Maria”, com vistas a ressaltar, sobretudo, a questão da violência contra mulheres denunciada nesses textos. A pesquisadora portuguesa Eunice Ribeiro nos brinda com uma análise da poética do escritor Nuno Júdice, seu conterrâneo, na qual aborda o caráter autorreflexivo de sua obra, traço marcante da literatura contemporânea a apontar-nos o constante diálogo no interior da própria tradição teórica e crítica literárias. O artigo de Eduardo Fava Rubio aborda um ensaio do escritor e ensaísta mexicano Jorge Volpi, e a partir da dissecação deste tece considerações a respeito da ficção policial como um gênero híbrido que se configura numa poética de leitura, um *modus legendi* que subverte as noções de texto e leitor e questiona os limites da dita literatura de massa. O ensaio de Eloína Prati dos Santos coloca em evidência mudanças no romance indianista brasileiro em convergência com a emergência do romance de autoria indígena na contemporaneidade e, ao fazê-lo, insere na esfera das diatribes acerca do cânone nacional a discussão sobre a importância da literatura produzida pelos povos indígenas, cujas vozes ainda carecem no país de uma representatividade cultural que fale por si mesma. Encerra o dossiê o artigo do pesquisador espanhol Javier Sánchez Zapatero, o qual destaca a necessária incorporação, nos estudos de teoria literária, da cultura digital e dos estudos intermediários, haja vista a relevância desses na constituição da sociedade contemporânea. Nesse sentido, propõe uma reflexão aberta e multidisciplinar, que possa trazer luz à crise atual das humanidades.

Os artigos da Seção Ensaios apresentam dois ensaios que refletem sobre a fronteiras natureza do fenômeno literário sobre outra ótica: o texto de Milena Kunrath problematiza a

existência de gênero puro, e o de Camila Savegnago e Raquel Trentin pensa o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari. A partir dessas perspectivas, as autoras apresentam, respectivamente, aproximações entre o *Bildungsroman* e os Romances de Desenvolvimento e de Educação, e uma reinterpretação de *O esplendor de Portugal*, de Lobo Antunes.

Quatro artigos compõem a Seção Livre. Maria Regina Bettiol reflete sobre a historiografia literária brasileira a partir do campo da epistolografia. Trazendo a foco vinte e dois anos de correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a autora seleciona amostragem de como esses poetas discutiam sobre o fazer poético em cartas que oferecem ricos subsídios sobre para os estudos críticos de poesia no Brasil. Na sequência, Luciano Dias Cavalcanti enfoca, também, a poesia, porém a partir de uma revisão crítica sobre o Orfismo. É objetivo do autor estudar o significado do mito de Orfeu e a sua estreita relação com a criação poética e, para tanto, pensa a poesia e o mito como atividades intercambiáveis. Ainda um ensaio desta seção debruça-se sobre a poesia: Danielle Penha e Clarice Cortez, partindo da percepção da relevância do jogo entre a palavra e a imagem nos versos de Ricardo Reis, analisam como as imagens do dia e da noite, na obra *Odes*, legitimam a produção de sentidos. Já Simone Cunha e Juracy A. Saraiva voltam seus olhares para a narrativa *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga Nunes. As autoras ressaltam o papel social da literatura, não só enquanto instrumento de revelação do sujeito a si mesmo e de promoção do reconhecimento da alteridade, como seu poder de leva-lo a refletir e buscar formas de modificar a realidade.

Na Seção Resenha, Gustavo Czekster apresenta a nossos leitores a obra *Dicionário de línguas imaginárias* (2017), de Olavo Amaral. Em sua leitura da obra de Amaral, Czekster ressalta como, nos de contos que compõem a obra, o autor elege a dificuldade de comunicação como força motriz de suas narrativas.

Encerra o volume a Seção Convite à Criação, seção que tem como objetivo estimular a criação literária e a fruição de textos poéticos e/ou narrativos. Assim, tem sido política da *Revista Literatura em Debate* publicar, lado a lado, textos de autores estreados e de escritores

já estabelecidos. É assim que, nesta edição, temos o prazer de trazer ao leitor dois contos e um poema. Assina o primeiro texto Miriam Alves, escritora e poetisa que, desde a década de 1980, vem crescente e definitivamente se integrando ao panorama da literatura brasileira contemporânea. O texto que encerra este volume, “Poema Flagrante”, dos “Poemas de um retorno à cidade natal” é de autoria do poeta, ensaísta e professor Elio Ferreira que, como Miriam Alves, partilha uma trajetória que inclui publicações em antologias como os *Cadernos Negros* e estende-se a voos solos, em carreira iniciada também nos anos 1980. Entre esses textos, está o miniconto “Árvore e anel”, de Diego Bonatti, acadêmico de Letras que, após frequentar duas oficinas de Escrita Criativa, tem, aqui, seu primeiro texto publicado. Haveria melhor forma de terminar uma edição de *Literatura em Debate*?

Denise Almeida Silva (URI)

Wellington R. Fioruci (UTFPR)

Organizadores